

Algumas divergências entre Moishe Postone e a "Wertkritik"¹

Clément Homs

Se é verdade que Postone não pertence propriamente ao movimento "Wertkritik" (é até mesmo questionável se ele se reconheceria nessa denominação) do qual precisamos distingui-lo com clareza², é necessário, a princípio, definir que aquilo que caracteriza tal movimento é uma ruptura no seio da teoria marxiana do capital (mais exatamente uma ascensão do que uma simples ruptura no seio da teoria da revolução como a encontramos no movimento de comunização) operada a partir do fim dos anos 80 pelos grupos alemães Krisis e depois Exit! e o movimento militante revolucionário que gravita em torno da Europa e da América do Sul. A "Wertkritik" é portanto um nome especificamente alemão, para o qual Postone é um completo estrangeiro. Todavia, esse último autor propôs na sua obra-prima "Tempo, trabalho e dominação social" (*Mille et une nuits*, 2009 – em seguida TTDS), depois na coleção publicada recentemente "Critique du Fétiche-capital" (PUF, 2013, traduzido, como o anterior, por L. Mercier e O. Galtier), uma releitura da teoria crítica de Marx, em parte de forma paralela, sobre muitos pontos (evocados por A. Jappe em "Avec Marx, contre le travail"), a esses autores alemães e austríacos que constituem mais um movimento (com suas rupturas e polêmicas internas) que uma corrente homogênea, dos quais citaremos os mais conhecidos: Robert Kurz, Roswitha Sholz, Norbert Trenkle, Ernst Lohoff, Peter Klein, Anselm Jappe, Claus Peter Ortlieb, Karl-Heinz Lewed, Franz Schandl, Justin Monday, Gérard Briche, Christian Höner, Peter Samol, etc. Deve-se então imediatamente ressaltar, para o que venha a seguir, que as diferenças que serão aqui evocadas não são sempre compartilhadas uniformemente por esses autores.

Por tudo isso, essas duas reinaugurações teóricas/analíticas da crítica marxiana sobre a economia política, de um lado e outro do Atlântico, ocorreram paralelamente, no sentido em que as influências recíprocas se tornaram finalmente mínimas. Entre 1987 e 1993, o grupo Krisis, chamado antes "Critique marxiste", já tinha elaborado seus próprios fundamentos teóricos pondo fim, um após o outro, nos ídolos do marxismo tradicional através de diversos artigos fundadores (sobre a centralidade do proletariado, a figura do "sujeito revolucionário", a luta de classes, a ontologia positiva do trabalho, a especificação histórica e não mais trans-histórica do valor e da lei do valor, etc), quando os alemães conheceram a obra de Postone "Time, Labor and Social domination" publicada nos Estados Unidos em 1993. É preciso ter sempre em mente que a primeira obra fundadora de referência e considerada ainda hoje como o nascimento da "Wertkritik" na Alemanha, com uma tiragem de mais de 20.000 exemplares e um eco internacional (notadamente importante no Brasil), será o best-seller de Robert Kurz "O Colapso da Modernização: da

¹ Tradução de Jamile Gonçalves e revisão de Jorge Nóvoa.

² Assim como o marxista alemão Michael Heinrich, que retoma por conta própria esse termo da "crítica do valor" mas que como toda teoria burguesa continua a fazer do trabalho abstrato uma categoria da circulação, cf. R Kurz, "Geld ohne Wert", Horleman, 2012.

derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial”³. A referência a Postone é então exterior à própria teorização que eles fazem. Não há um lado alemão que se inspire a partir de sua leitura, ele é citado às vezes, mas nada se funda a partir dele. Ocorreram, contudo, contatos com Postone, e o grupo Krisis buscou difundir sua obra na Alemanha, publicando-a por exemplo no seu site de traduções, enquanto que Norbert Trenkle foi um dos tradutores da edição alemã de “Zeit, arbeit und gesellschaftliche Herrschaft” (TTDS) que só surgiria em 2010 pela editora “Ça ira”. A despeito de um encontro internacional organizado no Brasil no início dos anos 2000 com Kurz, Scholz, Postone, Jappe, etc., e um encontro francês com Postone em Lille em novembro de 2009 do qual os alemães participaram, além das correspondências privadas, as verdadeiras discussões de profundidade nunca aconteceram de fato, e a “Wertkritik” sempre se distanciou de inúmeros aspectos do pensamento de Postone. De um lado, os alemães e notadamente Kurzpendant, por muito tempo, protegeram Postone de toda crítica, não querendo polemizar com um autor do qual eles se sentiam próximos em certos aspectos. Mas eles não utilizaram nunca Postone a seu próprio favor. O movimento multiforme “Wertkritik” sempre se caracterizou pelo fato de não reivindicarem nenhuma filiação teórica (Escola de Frankfurt, Lucaks, ultra-esquerda ou outra) e poderíamos dizer mesmo que a referência ao “Marx esotérico” se reduz a um grupo congruente nos últimos escritos de Kurz e notadamente no “Geld ohne Wert” (2012). De outro lado, podemos talvez pensar que Postone, hoje envelhecido, e não sendo à parte isso um polemista à espreita, nunca buscou engajar uma discussão profunda com a tumultuosa, abertamente polêmica e anti-universitária, “crítica do valor” alemã. Apesar de seu interesse constante pelo que se publicava na Krisis e no Exit! e sua homenagem à obra de Robert Kurz durante uma [entrevista à revista espanhola Constelaciones em 2012](#), Postone ainda não buscou responder às críticas que lhe foram feitas nos anos anteriores por Kurz e Lohoff, por exemplo. Ele aponta contudo sua divergência com relação ao movimento “Wertkritik” e notadamente com Kurz:

eu não concordo com a forma como Kurz põe o problema da crise, afirmando que ou bem sustentamos que o capitalismo se afundará ou bem cremos que ele pode continuar indefinidamente. Eu não compartilho dessa perspectiva que me parece fortemente dicotômica. Eu acho que meu trabalho deixa a questão em aberto. Acredito também que meu trabalho se interessa mais por questões de ideologia, de subjetividade e de consciência do que o trabalho de Kurz ⁴

Em essência, ele diz que Kurz não busca especialmente compreender as mudanças que se produzem a nível de subjetividades em relação com as mudanças que se produzem dentro do capital em si mesmo. Postone quis fazê-lo através de seus trabalhos sobre o antissemitismo: “Krisis e Exit não se ocupam tanto quanto eu de questões de subjetividade e

³ Robert Kurz. *O Colapso da Modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

⁴ Leia nas páginas desta edição de **O Olho da História**, n. 21. Já agradecemos aos editores da Revista Constelaciones, assim como a Professora Silvia a possibilidade republicar a referida entrevista nas páginas de *O Olho da História*. Vol. 4 (2012). Antissemitismo: Clave civilizatoria y funcionalidad social. Coordinador: José Antonio ZAMORA

de fetichismo” (Constelações, 2012⁵). Todavia, as análises sobre essas questões foram particularmente desenvolvidas durante os anos 2000 e 2010 nas revistas Krisis e Exit.

As divergências entre Postone e a tendência alemã são, a grosso modo, de quatro ordens, e nós só as evocamos aqui sob a forma de uma breve nota que não se pretende exaustiva.

1. Diferença de estilo e de perspectivas

Uma primeira divergência formal que salta aos olhos é o estilo muito diferente assumido pela formulação da teoria crítica da síntese social capitalista: Postone é um universitário, se ele jamais foi negligente ao fazer sérias críticas e sem concessões a numerosos autores (contra Lukacs, Derrida, Pollock, Horkheimer, Habermas, David Harvey, Giovanni Arrighi, etc.), sua crítica sob diversos aspectos se mantém restrita ao academicismo, não buscando a polêmica virulenta; a tendência alemã, ao contrário, sempre foi violentamente antiuniversitária, privilegiando sempre a polêmica virulenta, o excesso e o desrespeito por vezes deselegante contra as correntes marxistas tradicional, pós-moderna, de Frankfurt e burguesa. Kurz, quando citava ou estudava um autor, o fazia sempre com o único objetivo de “acertar as contas com algum miserável” (sendo seu último alvo até agora o marxista alemão Michael Heinrich em “Geld ohne wert”, Horleman, 2012, cuja crítica serve simplesmente de pretexto a um desenvolvimento teórico próprio). A partir da virada dos anos 2000, a prática do Krisis de intervenção pública através do “Manifesto contra o trabalho”, as coleções “Segunda-feira ao sol: onze ataques contra o trabalho” ou “Homens mortos trabalhando”, numerosas crônicas na imprensa de Kurz ou ainda os textos teóricos (como o de N. Trenkle em “Crítica de Aufklärung: 8 teses”), distinguem fortemente os alemães de Postone, no sentido de que destilam por todos os lados um pouco de veneno crítico, se colocando ocasionalmente como polêmicos. Os grupos alemães (cujo ninho foi o meio radical de Nuremberg) sempre se posicionam horizontalmente, pela revolução, a radicalização e a intervenção prática nos meios de uma esquerda supostamente “radical”. Enquanto Postone, se não escreveu até hoje nenhum texto sobre essa questão, exceto uma curta sub-parte problemática intitulada “O Reino da necessidade” no TTDS, na qual ele retoma alguns aspectos de Marx sobre a questão do pós-capitalismo, ele sempre esboçou em suas entrevistas perspectivas vagas de transição, a partir de reformas graduais para chegar a um objetivo distante (ele acha que não estamos hoje em um período revolucionário) de uma revolução compreendida como abolição de classes, do trabalho, do valor e do dinheiro. Postone esboça igualmente no seu TTDS as condições de possibilidades históricas de uma transição do modo de vida capitalista, de qualquer forma de maneira muito tradicional (e a meu ver questionável), como uma possibilidade que permite as contradições crescentes do capitalismo. Os retalhos de perspectivas que Postone evoca a partir de sua reconstrução pessoal da teoria marxiana do capital não eram absolutamente a prioridade da Wertkritik,

⁵ Agradeço a Hipparchia pela tradução e o comentário dessa passagem na entrevista de Postone para a revista Constelações, que eu cito aqui (N. A.).

como afirmara muito claramente o “Manifesto contra o trabalho” (que fala de um vasto movimento anti-político de apropriação extra-parlamentar de constituição de uma “contra-sociedade”, de abolição do trabalho etc.). Na Alemanha, as revistas teóricas (e os seminários internos) constituindo de um lado aprofundamentos teóricos, ao passo que as teses, os manifestos, as crônicas de imprensa, como os círculos públicos de leitura na Alemanha e em outras partes, constituindo por outro lado a forma tomada pela intervenção pública da crítica. Contudo, a sequência “intervencionista” do grupo Krisis em torno de 2000 provocou fortes tensões internas, essa questão da estratégia de intervenção foi um dos elementos da cisão de 2004, que foi mais importante que os precedentes. As pessoas que substituíram Kurz na revista Exit! pensavam que era necessário desconfiar de toda ideologia movimentista e que a teoria crítica radical não podia se tornar uma distribuidora automática de soluções-chave em mãos fornecidas com um serviço pós-venda revolucionário; o período não era absolutamente este no começo do século XXI, revolucionário ou mesmo pré-revolucionário. Hoje seria necessário, sobretudo teoricamente, aprofundar e radicalizar ainda mais a “Wertabspaltungskritik”; enquanto que os que restaram no Krisis a partir de 2004 pensavam que de qualquer forma a ruptura a propósito da teoria do capital já havia sido feita nos anos 1990, o trabalho teórico já fora feito para além dos marxismos heterodoxos que não puderam jamais romper completamente com o marxismo tradicional (os marxismos likacsista, bordiguista, conseillista, pós ultra esquerdistas), não se tratava mais desde então de continuar a radicalizar a teoria e de aprofundá-la, era necessário agora, aos seus olhos, trabalhar na difusão e radicalizar todos os movimentos que se pretendessem “revolucionários”.

2. Postone e a questão do “duplo Marx”

Uma segunda divergência é a do status dado por Postone à sua reinterpretação da obra da fase madura de Marx. Os alemães jamais aceitaram a pretensão de Postone de querer apresentar um verdadeiro Marx, um Marx redirecionado, um Marx redescoberto, um Marx enfim revelado. Como se as diferentes correntes marxistas não tivessem jamais entendido nada sobre Marx. Para os alemães finalmente, o clichê de que Marx nunca fora marxista não é completamente exato ou seria pelo menos muito caricatural. Aos olhos da “crítica do valor”, o marxismo tradicional interpretou muito bem a Marx, mas apenas interpretou – e é este o ponto fundamental – uma linha argumentativa no seio da obra de Marx, aquela que é hoje a menos pertinente. Não se trata portanto para a “Wertkritik” de salvar Marx do marxismo tradicional, mas de afirmar acima de tudo a presença de um “duplo Marx” (ver [aqui o texto](#) de R. Kurz), ou seja, distinguir duas linhas contraditórias de argumentação que são completamente entrelaçadas. Não se pode portanto a seus olhos postular nenhum “corte epistemológico”, nenhuma oposição entre um jovem Marx humanista e um velho Marx científico, etc. O marxismo tradicional jamais foi finalmente uma traição do pensamento de Marx, tese clássica do marxismo crítico e heterodoxo. Ele foi antes uma leitura parcial e uma interpretação incompleta. A distinção desse “duplo Marx” (ou Marx-Janus como diz Kurz) entre um “Marx esotérico” e um “Marx exotérico” explicita a presença

de duas linhas argumentativas totalmente imbricadas no pensamento de Marx⁶, tão bem enredadas na sua obra de juventude quanto na sua obra da maturidade. Por vezes mesmo em uma única frase encontramos tal divergência. O confronto entre essas duas linhas argumentativas que conduzem Marx por vezes a numerosas contradições metodológicas, não é, por conseguinte, um fenômeno verdadeiramente consciente.

Contudo, me parece que Postone nesse ponto jogou água no vinho, notadamente, nesses últimos anos. Se ele não leva mais em conta essa distinção do “duplo Marx” no momento em que escreveu o TTDS, nessas entrevistas do fim dos anos 2000⁷, mostra explicitamente aceitar a ideia de que ele finalmente não apresentou na TTDS o que seria um “verdadeiro Marx”, porque ele pretende explicitamente se dar conta, na sua reformulação teórica, das numerosas contradições dentro do pensamento de Marx, que é o que justamente busca explicar a distinção do “duplo Marx”. Em uma entrevista do fim dos anos 2000, ele apresenta por exemplo essa fórmula estranha em que ele diz não ter refletido como marxólogo sobre as contradições na obra mesma de Marx.

De outro lado, sempre sobre essa abordagem de Postone à Marx, os posicionamentos me parecem também se aproximarem àqueles da “crítica do valor”. Isto porque para Postone, aquilo que a seus olhos ensinam os erros da primeira geração da Escola de Frankfurt – bem como os erros de outros autores desse período –, na sua apreensão do capitalismo pós-liberal⁸, é que não se *deve absolutamente confundir o capitalismo com suas configurações históricas*, o que levaria a se empreender sistematicamente uma reflexão por demais superficial, historicista ou empírica, que não se elevaria ao nível do núcleo e da dinâmica imanente do capitalismo. É sabido, Postone distingue cuidadosamente no TTDS o núcleo dinâmico e contraditório do capitalismo, de sua trajetória em diferentes configurações históricas ao século XIX e XX⁹. E essa questão é muito mais explícita para o Postone dos anos 2000, que se focava na teoria dessas diferentes configurações históricas. Ora, justamente, a distinção entre um “Marx exotérico” e um “Marx esotérico” que faz o grupo alemão, evidencia exatamente essa distinção: o primeiro Marx (o do marxismo tradicional) não seria válido mais do que pela descrição da *configuração*

⁶ O primeiro que fez essa distinção sobre Marx foi Stefan Breuer em “Krise der Revolutions theorie. Negative Vergesellschaftung und Arbeitsmetaphysik bei Herbert Marcuse” (Frankfurt/Main, 1977), e ela foi retomada pela “Neue Marx-Lecture” fundada pelos alunos de Adorno, Helmut Reichelt e Hans-Georg Backhaus. E é além disso em parte na confrontação muito crítica com a “Neue Marx-Lektüre” que se elaboram suas re-fundamentações teóricas em parte paralelas. Para um desenvolvimento sobre uma certa filiação crítica de Robert Kurz com os autores da “Neue Marx-Lektüre”, ver Anselm Jappe, “Robert Kurz. Viagem ao coração das trevas do capitalismo”, na La Revue des Livres, nº 9, janeiro de 2013. Kurz desenvolve notadamente sua abordagem crítica a essa corrente no Geld ohne Wert, supracitado. De seu lado, Postone, salvo comentários positivos sobre a abordagem de Backhaus, discorda essencialmente de Reichelt no que concerne a sua concepção do trabalho sob o capitalismo, que adota como sua uma visão de “crítica feita do ponto de vista do trabalho” ver TTDS supracitada, p. 78n. Toda uma história de “confrontos e olhares cruzados” entre esses autores ainda resta ser escrita.

⁷ Moishe Postone, “Trabalho e lógica da abstração” (entrevista com T. Brennan) publicada em “South Atlantic Quarterly”, primavera 2009; e Moishe Postone “Marx após os Marxista” (entrevista com B. Blumberg e Pam C. Nogales. Publicada em “O Platypus Review”, nº 3, mars 2008

⁸ POSTONE, Moishe. Tempo, trabalho e dominação social. São Paulo, Boitempo, 2014, capítulo 2, para a crítica da Escola de Frankfurt, e depois em seguida, a Jurgen Habermas.

⁹ _____ . History and heteronomy. Tóquio, Editora da Universidade de Tóquio, 2009. Ver o capítulo sobre “a teoria crítica e o século XX”.

histórica do século XIX. E o marxismo tradicional assimilou completamente o capitalismo nesta configuração liberal centralizada sobre o mercado e a propriedade privada. Já o segundo Marx, seria o que teria começado – apenas – a investigar o *núcleo real do capitalismo*, qualquer que seja sua configuração histórica particular. Isto quer dizer que, o Marx ainda hoje pertinente, é aquele que critica a economia política em si, ao nível da crítica categorial das formas/categorias sociais de base da forma de vida capitalista – trabalho, valor, dinheiro, mercadoria e Estado, e que são categorias históricas e negativas do pensamento do Marx esotérico, que o positivismo marxista não deixou de ontologizar, e isto, seja qual seja a configuração histórica do capitalismo, centrado no mercado ou sobre o Estado. Seria esta uma contradição interna à releitura teórica de Postone: a de afirmar, ao mesmo tempo, a distinção entre o nível do núcleo e da dinâmica fundamental que apreendia o Marx da crítica das formas/categorias e das diferentes configurações históricas¹⁰, e que ele, Postone, acabava de redirecionar a teoria marxista contida em “O Capital”. Ele não via que, justamente, o marxismo tradicional podia constituir uma suficientemente boa compreensão da configuração liberal do capitalismo no século XIX. Mas hoje, me parece, é propriamente essa contradição que aparece mais evidentemente nos seus textos “A teoria crítica e o século XX” ou “História e impotência. Mobilização de massa e formas contemporâneas de anticapitalismo”¹¹.

3. Postone e a ausência de uma teoria da crise

Uma outra divergência maior é a ausência em Postone de uma teoria da crise interna do capitalismo. Recentemente, embora Kurz talvez tenha poupado Postone sobre esses aspectos, ao não polemizar com ele, Ernst Lohoff no seu artigo “Auf Selbstzerstörung programmiert” publicado na revista *Krisis* (2/2013) acaba de sistematizar essa crítica feita a Postone¹². É incoerente, a seus olhos, pois a teoria de Postone deveria logicamente levar a uma teoria sobre a crise. Sabemos o quanto o primeiro nível fundamental do núcleo da dinâmica imanente ao capitalismo é constituído pelo que Postone chama o “Treadmill effect” (que L. Mercier e O. Galtier no TTDS traduziram por “moinho de disciplina”, mas que poderíamos igualmente traduzir por “esteira de correr”, “escada rolante” ou “gaiola de esquilo”), ou seja a determinação mutuamente recíproca das duas faces do trabalho no processo de produção, que tem por efeito principal o aumento da produtividade, redefinindo constantemente a temporalidade do processo de valorização (ver TTDS, pp. 422-450). Isso quer dizer que em permanência, a hora social de trabalho é redefinida pelo novo padrão geral de produtividade. E nessa corrida desarrazoada do capital atrás de si mesmo, onde o trabalho nunca foi um meio mas o fim tautológico do capitalismo, é sempre necessário produzir mais mercadorias para representar a mesma massa de valor. Ao nível das

¹⁰ Postone ainda não estudava no seu TTDS, deixando somente ecoar que sua releitura permitiria nos seus trabalhos futuros de pensar essas configurações.

¹¹ Postone, “Crítica do Fetiche-capital”, op. cit., p. .

¹² Nos próximos dois pontos (3 e 4), eu me baseio essencialmente em uma apresentação feita por Anselm Jappe, de artigos citados de Lohoff e de Kurz quando de um seminário interno da Associação dos Amigos Francófonos da Crítica do Valor, « Crise et Critique ». La volonté de ne pas tout résumer ici, est de mon seul fait.

empresas, para evitar a redução da massa de valor particular de cada empresa, é necessário permanentemente aumentar a massa de mercadorias produzidas. Entretanto, Lohoff mostra justamente, que Postone não se coloca a questão de saber se isso pode ou não ultrapassar um certo limiar onde a compensação desse mecanismo de redução da massa particular do valor não é mais possível. Krisis e Exit! pensam justamente que a natureza e a trajetória da dinâmica do capital, estando inscrita nas suas formas de base, e a substituição necessária do trabalho vivo pela tecnologia não cessando de minguar a criação de valor, com a terceira revolução industrial da microeletrônica, ultrapassamos esse limiar que torna hoje obsoleto o mecanismo principal de compensação (ver o capítulo « Die Geschichte der Dritten industriellen Revolution » no livro de Kurz « Schwarzbuch Kapitalismus. Ein Abgesang auf die Marktwirtschaft », Eichborn, 2009, pp. 622-800. Os filósofos Jean-Marie Vincent como André Gorz na França destacaram notadamente a importância desse capítulo). Postone, citando as famosas passagens dos "Grundrisse" sobre o desabamento do capitalismo por causa da tecnologia de produção, não se coloca a questão de se estabelecer um limite ao mecanismo da compensação se a substituição do trabalho vivo ultrapassa um limiar crítico. Sobre essa redefinição continuada da hora social de trabalho que ele busca apreender, Postone retira conclusões muito limitadas. Ele evoca uma consequência política dessa diminuição do trabalho vivo: a abertura de uma contradição entre o trabalho que a sociedade continua a demandar dos indivíduos e a possibilidade de uma sociedade liberada do trabalho (sua teoria da emancipação se encontra inscrita nessa contradição crescente do capitalismo). Para Postone, essa situação engendrada pela dinâmica do capital deve apenas levar os sujeitos do capitalismo a tomar consciência de que é preciso abolir o trabalho enquanto mediação social. Ele evoca então o conceito bastante clássico nos meios radicais dos anos 70 de "auto abolição do proletariado", por exemplo. Aos olhos de Lohoff, o potencial de crise inscrito na lógica do "moinho de disciplina" no coração da dinâmica do capital é então totalmente evitado por Postone. A teoria de Postone se esgota de algum modo no meio do caminho. Segundo Lohoff é preciso assim ir mais longe que Postone na historicização das categorias/formas fundamentais do capitalismo. Porque não é apenas a medida do valor (o que é que se produz em uma hora social?) que está sujeita a uma evolução dinâmica. É igualmente a questão da massa de valor, da substância do valor, que é preciso entender em uma trajetória, e não de maneira estática. A parte do trabalho vivo que cria valor se torna cada vez mais reduzida. Mesmo se constatarmos uma expansão da massa de trabalhadores, o trabalho produtivo (no sentido marxiano) sempre tem tendência a diminuir por conta da expansão contínua dos falsos custos, notadamente das atividades de Estado que não são produtoras de valor, o que induz a uma diminuição da massa total de valor a nível global. Não encontramos em Postone uma teoria da evolução dessa massa total de valor. Quando Postone tenta tirar conclusões de sua reformulação da teoria, elas são demasiadamente muito políticas, e formuladas em termos de crítica da ideologia, crítica do antisemitismo, crítica dos limites da democracia, etc. Essas perspectivas são compreendidas de maneira bastante estática e não têm finalmente mais nenhuma relação com a teoria da dinâmica que ele fundou. As considerações em termos de ação revolucionária são então feitas em um registro muito mais tradicional diante do marxismo. Para Lohoff, Postone não consegue ligar

de modo suficiente a alta teoria elaborada no TTDS e os fenômenos mais concretos da evolução contemporânea do mundo capitalista, quando de seus últimos anos. Não há em Postone essa capacidade de passar do mais abstrato ao mais concreto das formas empíricas, procedimento a que Kurz se aplicava magistralmente, justamente porque falta ao primeiro uma teoria poderosa da crise interna do capitalismo.

4. Kurz VS Postone: o trabalho abstrato

Um outro ponto relevante (certamente o mais importante dentre esses quatro) e que eu não abordarei aqui senão que rapidamente, é igualmente a divergência central entre Kurz e Postone sobre a natureza do trabalho abstrato, a substância do capital. No seu artigo chave "A substância do capital" (publicado em duas partes entre os nº1 e 2 da revista *Exit !*, 2004 e 2005; artigo onde toda uma polêmica com Roubine, Postone, Heinrich etc., se engendra sobre a questão de uma nova teoria substancialista – kurziana – do capital), Robert Kurz censura à Postone ser portador de certa incoerência quando afirma ao mesmo tempo que é na esfera de produção que imediatamente a objetividade do valor é dada à mercadoria, tornando o "trabalho abstrato" uma simples categoria social que não teria nenhuma "base natural". Para Kurz, do mesmo modo, Postone não vai muito longe quando ele define o trabalho abstrato como "função socialmente mediadora do trabalho" nas relações sociais capitalistas, o que faz supor que o trabalho existe antes e depois do capitalismo. Para Kurz, o trabalho abstrato não é totalmente uma construção social. Aos seus olhos ele é mais um fato social dentro do capitalismo, decerto, mas se constitui sobre a "base real" que é um dispêndio não diferenciado de energia humana. Ainda para Kurz, essa questão da teoria do trabalho abstrato em Postone não é sem importância. Totalmente o oposto pois, ela explica a ausência de uma teoria da crise em Postone.

Na esperança de que essa breve nota, que não pretende de maneira alguma encerrar a profundidade das divergências entre Postone e a Wertkritik, dê sobretudo coragem a alguns tradutores experientes para nos traduzir os textos « Auf Selbsterstörung programmiert » d'Ernst Lohoff e « Die Substanz des Kapitals. Abstrakte Arbeit als gesellschaftliche Realmetaphysik und die absolute innere Schranke der Verwertung » de Robert Kurz.